

QUESTÕES À MARGEM DE "ALGUNS ASPECTOS DOS ESTUDOS LITERÁRIOS E DO ENSINO DA CRÍTICA NOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO", DE CÉSAR LEAL E LEVANTADOS POR IRMA CHAVES

Uma vez que o professor César Leal disse não se importar com as contestações, sinto-me à vontade para afirmar que tenho muitas discordâncias quanto ao que ele acaba de expor. Fiquem tranquilos os ouvintes, pois não farei uma conferência paralela. Dentro dos 10 minutos que me cabem, procurarei apenas, através da análise de algumas particularidades, definir uma posição teórica e ideológica diferente daquela que guia as palavras do expositor.

Situarei minhas observações em dois níveis que se implicam mutuamente: 1.º, num nível mais amplo que concerne a uma política universitária global afetando negativamente a chamada área das ciências humanas, tal como denunciou com muita propriedade o prof. César; 2.º, num nível mais específico que diz respeito a posições teóricas e metodológicas relativas ao ensino e/ou estudo da teoria da literatura e da crítica literária. Começemos pela Reforma Universitária. A ênfase que ela confere à técnica não me parece um mal em si. É preciso deslocar para as diretrizes ideológicas que a engendraram, os ataques que tantas vezes a responsabilizam pelo descaso a que estão submetidos, entre outros, os estudos literários. Funcionando como anteparo de acusações, a ênfase referida deixa ao abrigo questões mais graves, como seja, considerar opostos os planos técnico e humano, as ciências ditas da natureza versus as humanidades. Desta oposição resulta, de um lado, uma visão da técnica como algo que se situa no âmbito da pura objetividade, divorciada do homem e, via de regra, atuando contra ele; de outro lado, se pensarmos particularmente na

literatura, temos como resultado uma concepção desta como território dos deuses, campo da pura subjetividade, transcendência tão destinada à fruição que se nega a qualquer abordagem objetiva, ou seja, científica. Chegamos assim a outra oposição — sujeito X objeto — que se acha fundamente enraizada nos argumentos que concedem à tecnologia o privilégio de promotora exclusiva do desenvolvimento nacional. É hora de verificarmos que este privilégio decorre de uma opção de desenvolvimento material e massificador que elide qualquer traço individualizador do sujeito.

A política da universidade, portanto, é traçada por uma ideologia gerada fora dela, razão porque não é possível compartilhar da esperança do prof. César Leal, quando afirma que os obstáculos que dificultam os estudos de letras podem ser removidos **quando na cúpula da universidade se encontram humanistas**. Pelo mesmo motivo, não posso concordar que a remoção de tais obstáculos logre ser alcançada “se os professores de literatura e de lingüística se mostrarem interessados em ocupar as funções que lhes são delegadas pela universidade moderna”. Explico: Uma cúpula universitária eventualmente humanista não pode mais do que promover soluções paliativas, em vista mesmo da sua transitoriedade e da posição passiva do sistema que ela dirige. Quanto aos professores, caso se limitem a ocupar funções delegadas, estarão sancionando aqueles mesmos obstáculos que prejudicam seu trabalho.

Entendo que, um papel efetivo na correção dos desvios apontados na Reforma Universitária, só poderia ser desempenhado se o “corpus” universitário se organizasse num constante diálogo entre seus vários estratos, aí incluídos, obviamente, os estudantes. A partir do debate contínuo de idéias, acredito que a universidade pudesse atuar de forma eficaz no meio que a justifica e que a sustenta, o social, definindo a sua própria política e influenciando na elaboração de uma política nacional, sem a ela se impor nem se submeter.

Outro ponto que se liga aos já colocados é aquele que diz respeito à tão decantada subserviência do brasileiro a tudo que é estrangeiro. Não vamos aqui negar que, desde Caminha, as miçangas nos atraem. Entretanto, cabe perguntar: por que somos fascinados por elas? Acho que a questão sequer é tocada se a encaramos como “tendência inata” que se caracteriza como “incapacidade para o pensamento criador”. Deixando de lado a discussão deste estigma racial, basta que pensemos na política editorial, na orientação consumista dos meios de comunicação, nos cerceamentos da vida cultural, para que nos defrontemos outra vez com a mesma ideologia que, desde a colo-

nização, sufoca as tendências criativas do brasileiro com suas diretrizes alheias ao humano.

Se não refletimos e questionamos aquelas estruturas que articularam o "Brasil doutor" de Oswald de Andrade, ainda tão vivo na eloquência e na erudição de hoje, continuaremos a repetir não só as lições da Sorbonne e do MIT, mas as de Wall Street também.

Passando agora ao 2.º nível de que falei antes, e em consonância com o que já foi dito, penso que um curso de pós-graduação deve se caracterizar pelo debate e pela pesquisa, pela busca estimulante que considera o já feito, mas precisa ir adiante. Concordo, evidentemente, com o prof. César Leal, quando ele propõe "um vasto elenco de disciplinas" à escolha dos estudantes de pós-graduação. Entretanto, gostaria que esse elenco se formasse sem preconceitos teóricos. E mais, que a burocracia universitária não provocasse o seu enriquecimento, permitindo que ele fosse constantemente reelaborado a partir daquela troca de idéias que foi proposta antes para a Universidade como um todo. Que sejam apresentadas e discutidas as posições fenomenológicas, estilísticas, historicistas, lingüísticas, formalistas, estruturalistas (atenção para o plural) e até — por que não? — impressionistas. Porque, se o uso de uma metodologia é importante no trato com o objeto literário, mais importante é a consciência da teoria que informa o método, para que o sujeito deixe "falar" o objeto dos seus estudos.

Se o clima é de procura, a contribuição estrangeira deixa de ser nociva para se transformar em instigadora de caminhos próprios. Se pressupostos são testados, os autores nacionais serão trazidos para o confronto com os demais. Se o professor questiona seu poder e seu saber, abre a trilha para que seus alunos deixem de receber seus ensinamentos como palavra sagrada e daí a duvidar dos roteiros, podendo então ultrapassar o estágio da adaptação de modelos já prontos à nossa realidade e chegar à criatividade tão falada e desejada (?) por todos.

E o mesmo vale para a graduação.

Irma Chaves Pessoa Monteiro